



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS FACULDADE DE
EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
FÍSICA

Flávia Braga dos Santos

Trabalho, conhecimento e ciência: estudos sobre categorias fundamentais para pensar a Educação Física

Goiânia2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E
DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Flávia Braga dos Santos

Título do trabalho: **Trabalho, Conhecimento e Ciência: estudos sobre categorias fundamentais para pensar a Educação Física**

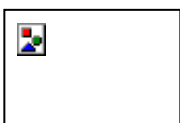
2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

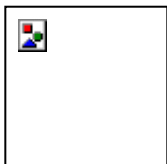
Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Marcel Farias De Sousa, Professor do Magistério Superior**, em 06/04/2022, às 09:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **FLÁVIA BRAGA DOS SANTOS, Discente**, em 11/04/2022, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2783887** eo código CRC **6B153893**.



Flávia Braga dos Santos

Trabalho, conhecimento e ciência: estudos sobre categorias fundamentais para pensar a Educação Física

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação apresentado em Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.
Orientador: Prof. Dr. Marcel Farias de Sousa

Goiânia
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, flávia Braga dos
Trabalho, Conhecimento e Ciência: estudos sobre
categorias fundamentais para pensar a Educação Física
[manuscrito] / fláviaBraga dos Santos. - 2022.
xxxix, 39 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcel Farias de Sousa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação
Física e Dança (FEFD), Engenharia Física, Goiânia,
2022.

Bibliografia.

1. Educação Física. 2. Trabalho. 3. Ciência. 4.
Conhecimento. I.Sousa, Marcel Farias de, orient. II.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **04/04/2022**, às **14 horas**, de forma **virtual**, por meio de **videoconferência via Google Meet**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“Trabalho, Conhecimento e Ciência: estudos sobre categorias fundamentais para pensar a Educação Física”**, de autoria de **Flávia Braga dos Santos**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo **Prof. Dr. Marcel Farias de Sousa - orientador FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Roberto Pereira Furtado - FEFD/UFG** e **Prof. Dr. Ricardo Lira de Rezende Neves - FEFD/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **8,0 (oito)**, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Marcel Farias De Sousa, Professor do Magistério Superior**, em 06/04/2022, às 09:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Lira De Rezende Neves, Professor do Magistério Superior**, em 07/04/2022, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Pereira Furtado, Professor do Magistério Superior**, em 11/04/2022, às 09:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **FLÁVIA BRAGA DOS SANTOS, Discente**, em 11/04/2022, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2783885** e o código CRC **D1DCB335**.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à minha mãe, Sônia Braga de Moraes. Professora, artesã e a mulher que sempre me incentivou aos estudos e que me inspira todos os dias a ser uma mulher forte e dona de si. Obrigada pela vida e pela doçura e fortaleza que inspira a mim e a muitas outras pessoas.

Agradeço à minha companheira e, então, noiva, Andria Lidiane Flores dos Santos. A pessoa que mesmo nos turbilhões da vida me incentiva a seguir meus sonhos. Se este trabalho existe hoje devo uma grande parte ao empurrão que ela me deu para não desistir de lutar pela conclusão da minha graduação. À mulher que me estendeu a mão e que torna a jornada da vida mais prazerosa e leve.

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor e mestre Marcel Faria de Sousa, pela confiança em seguir na minha orientação, mesmo diante das dificuldades que se encontravam. Abriu o meu caminho, me aceitou como orientanda e me guiou com muita paciência e sabedoria nesse trajeto tão importante. Muito obrigada, mestre!

Por fim, deixo meus agradecimentos à Universidade Federal de Goiás, em especial à Faculdade de Educação Física e Dança por ser um espaço que me acolheu e proporcionou grandiosas vivências. Obrigada aos meus amigos e colegas de jornada e aos meus professores.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo teórico bibliográfico com o objetivo de realizar reflexões sobre as categorias fundamentais para a constituição do conhecimento da Educação Física escolar: trabalho, conhecimento e ciência. Para chegarmos nesse debate, traçamos um percurso distribuído em dois capítulos, visando compreender o trabalho como categoria central e fundante do ser humano e das objetivações constituídas na própria processualidade do ser social, como as diversas formas de conhecimento. Por fim, nas considerações finais, levanta-se apontamentos e reflexões sobre uma busca por legitimação da Educação Física enquanto um conhecimento científico a partir das categorias apresentadas na presente análise. Para isso, o trabalho foi pensado e elaborado a partir de um estudo sobre a teoria social de Karl Marx e Friedrich Engels, especialmente nas obras *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844 (MARX, 2010), *A Ideologia Alemã* de 1845-1846 (MARX; ENGELS, 2007). Buscou-se apoio em autores comentadores que se apropriam dos ideários marxianos, em especial Ricardo Antunes (ANTUNES, 2005), Marcel Farias de Sousa (SOUSA, 2020).

Palavras-chave: Educação Física, trabalho, ciência e conhecimento.

ABSTRACT

The present work is a theoretical bibliographic study with the objective of carrying out on the fundamental categories for the knowledge of school Physical Education: work, knowledge and science. To arrive at this debate, traces traced were distributed in two chapters of central category and thought for the work as being human and constituted by its own processuality of the being in the different forms of knowledge. Finally, final considerations, notes and considerations are raised about a search for physics education as a legitimate scientific knowledge from the categories in the present analysis. For this, the work was designed and elaborated from a study of the social theory of Karl Marx and Friedrich Engels, especially in the works Economic-Philosophical Manuscripts of 1844 (MARX, 2010), The German Ideology of 1845-1846 (MARX; ENGELS , 2007). . Support was sought from commentators who appropriated Marxian ideas, especially Ricardo Antunes (ANTUNES, 2005), Marcel Farias de Sousa (SOUSA, 2020).

Keywords: Physical Education, work, science and knowledge.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo 1: A categoria do Trabalho	12
1.1 Trabalho, Consciência e Formação Humana.....	12
1.2 Transição dos Sistemas Econômicos e Surgimento das Classes Sociais	16
Capítulo 2: Trabalho, Conhecimento e Ciência.....	21
2.1 As Formas Socialmente Constituídas de Conhecimento	25
2.2 Conhecimento, Educação e a Educação Física.....	29
Considerações Finais: Possíveis Aproximações com o Debate da Legitimação da Educação Física.....	32
Referências Bibliográficas.....	36

INTRODUÇÃO

O que é a Educação Física? Essa questão surge em muitos momentos no percurso de formação daquelas/es que enveredam por este caminho. Desde antes de a/o candidata/o ingressar na universidade, momento no qual é feita – algumas vezes, sem a devida consciência ou conhecimento – uma primeira e importante definição e escolha, o questionamento acompanhou o próprio processo de formação e, possivelmente, se prolongará na experiência profissional.

Esta inicial questão nos permitiu pensar e elaborar o presente trabalho, com o intuito de explorar o que há por trás dessa pergunta e realizar reflexões sobre a histórica tentativa de constituição da legitimação social da Educação Física escolar.

Desta forma, o presente trabalho é um estudo teórico-bibliográfico que busca realizar aproximações sobre categorias que nos permite compreender e realizar debates e reflexões iniciais sobre a tentativa de constituição de legitimação social da Educação Física escolar presente em seu próprio percurso histórico de constituição e consolidação enquanto uma prática social e pedagógica.

Alguns pontos irão delimitar e nortear o curso e entendimento das reflexões do presente trabalho: sobre a constituição e o percurso de tentativa de legitimação social da Educação Física escolar na produção acadêmica da área: o papel e caráter da Educação Física (É ciência? É prática social e pedagógica?) e; a qual ciência se buscou identificar a Educação Física escolar. Estas são questões que acompanham o debate sobre a constituição da Educação Física escolar brasileira. Diante ao tamanho e complexidade deste debate e da intensa produção acerca dela, aqui trataremos de realizar alguns recortes tendo como aspecto central, o desenvolvimento de estudos sobre temas e categorias que são fundamentais para a compreensão do presente objeto de estudo.

Para a realização da presente reflexão, traçamos um estudo inicial acerca da teoria social e método investigativo elaborados por Karl Marx e Friedrich Engels, teoria esta que aportamos por julgarmos que oferece fundamentos necessários para desvelar o presente tema de estudo. Perante ao grande desafio de aprofundar em obra tão vasta dos citados autores, o presente trabalho embasou-se, sobretudo, nas obras *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844 (MARX, 2010) e *A ideologia Alemã* de 1845-1846 (2007), obras estas em que os autores travam reflexões críticas à filosofia e economia

política de suas épocas, como também já teciam bases para o fundamento de um novo método e teoria, o materialismo histórico-dialético.

Aliado a este aporte fundamental, somou-se o estudo sobre uma breve parte da obra do filósofo húngaro György Lukács (1969), de onde retirou-se a importante constatação que se encontra na teoria de Marx e Engels, qual seja, da constituição de uma teoria que explica a formação da humanidade, a forma como se desenvolveu a gênese e a constituição humana a partir de sua atividade na natureza, o trabalho. Assim, foi realizado um percurso que traz reflexões acerca da categoria fundamental do trabalho e desdobramentos para os temas elencados para a presente investigação.

Para entendermos a leitura desse estudo é importante ressaltar que Marx em suas obras fazia crítica ao positivismo idealista na era burguesa. Então, sua crítica é a esse positivismo, tanto que o método criado por Marx é uma contraposição a esse tipo de estudo. O idealismo e o empirismo levaram as contribuições para a criação do positivismo. O método positivista estava em gestação na época histórica e social de Marx. Contudo, iremos compreender ao longo do presente estudo que a medicina e ciência do início da era burguesa tinha um objetivo de realizar estudos com um olhar mais objetivo para objeto, sem levar em consideração as questões subjetivas que o envolve. A crítica do nosso estudo é entender a importância social do método positivista, mas as reflexões expostas aqui nos fazem pensar que o método não atende o todo do social. Ele tem elementos pertinente para o entendimento da nossa área, mas o método é insuficiente para abordar os fenômenos históricos e sociais que a Educação Física carrega, sobretudo, a Educação Física escolar. A Educação Física lida com o corpo, mas ela é uma área que lida com o social. Entendemos que o viés positivista e a saúde possuem sua importância, mas eles não conseguem abordar o social e histórico do sujeito. No movimento renovador, o coletivo de autores, sobretudo, tem uma perspectiva de estudo voltada para o sujeito, para o social e histórico.

Não podemos realizar um estudo sobre a reflexão da legitimação social da Educação Física sem se passar pela discussão sobre o mundo do trabalho e, pensar que a sociedade e a área sofrem constante mudanças, progressos, evoluções e problemáticas. O reconhecimento profissional perpassa o social e o trabalho. Dito isso, o primeiro capítulo se concentra em apresentar a apreensão sobre a categoria do trabalho, sobre a consciência e uma passagem sobre o processo histórico-social a partir da revolução burguesa. Iremos trazer apontamentos sobre o trabalho que, através de Marx, Engels e Lukács, configura-se como a ação fundante do ser social, atividade fundamental e geradora de quase todos os

outros complexos sociais, como também é este processo e atividade que nos torna humanos. Também teceremos reflexão sobre a formação da consciência no processo do trabalho.

Em seguida, o segundo capítulo irá tratar do conhecimento, educação e ciência, entendendo que o conhecimento é uma consequência do trabalho e da consciência, é uma manifestação de como aprendemos sobre as coisas do mundo e como damos significados a cada uma delas a partir da interação contínua neste metabolismo do ser humano com a natureza e com outros seres. A ciência surge como uma das formas de conhecimento humanamente produzidos para auxiliar o ser humano com questionamentos sobre o mundo, tendo suas realizações e suas problemáticas que acabam afetando a Educação Física.

Por fim, nas considerações finais, foi realizado as primeiras aproximações para possíveis reflexões e apontamentos sobre a Educação Física, uma prática que surge no contexto da era burguesa e que nasce a partir da ciência e da *cientifização* dos conhecimentos sobre o ser humano e sua corporeidade. Estas características se encontram presentes até os dias atuais levando as tentativas de identificar a Educação Física como uma área científica.

Contudo, a partir do aparato teórico aqui estabelecido, questiona-se de forma inicial que a Educação Física não é propriamente uma ciência. Trazendo as outras temáticas abordadas no trabalho, ela é um dos conhecimentos humanamente produzidos através do trabalho humano e um campo que lida com o social que vem enfrentando vários debates para afirmar sua legitimação social.

Ao final do trabalho, aproximamos estas reflexões ao importante processo histórico da Educação Física escolar no Brasil a partir de 1980 e como esse período foi significativo para esses debates aqui apontados. Foi o período do movimento renovador após o regime ditatorial brasileiro que possibilitou levantar questões sobre o que, de fato, é a Educação Física, enquadrando-a, também enquanto possibilidade e presente na escola, como uma prática pedagógica que lida com a cultura corporal de movimento humano.

CAPÍTULO 1: APROXIMAÇÕES COM A CATEGORIA DO TRABALHO

1.1 Trabalho, consciência e formação humana

O presente trabalho busca inicialmente aproximar, conhecer e refletir acerca da histórica tentativa de constituição de legitimação social da Educação Física escolar a partir das categorias do trabalho, conhecimento e da ciência para entender essa visão enviesada da Educação Física na tentativa de tratá-la e reconhecê-la enquanto uma ciência ou área de conhecimento localizada nas ciências da saúde (CAPES, 2021).

Em contrapartida, especialmente a partir do movimento de questionamento e reflexão crítica que se tornou uma *tentativa de ruptura* (HUNGARO, 2010) com o paradigma biomédico e positivista que eram (e ainda são) predominantes na Educação Física escolar, surgiu a proposição de reconhecer a Educação Física escolar como uma prática social e pedagógica estruturada por diferentes áreas das ciências (da natureza e sociais/humanas) e presente em diversos ambientes de atuação profissional (TAFFAREL; ESCOBAR; 1995; BRACHT, 1995, 1999, entre outros).

Para esta inicial aproximação, partimos do pressuposto de que o conhecimento humanamente produzido é resultante do complexo e histórico processo da relação que o ser humano constituiu com a natureza, processo pela qual este se tornou um ser humano, processo pelo qual se tem a gênese do conhecimento. Assim, para fins de reflexão deste presente trabalho, buscaremos inicialmente compreender o trabalho como categoria central da constituição do ser social e do complexo do(s) conhecimento(s).

No intuito de realizar esta aproximação e diante a enorme obra de Karl Marx, Friedrich Engels e György Lukács, escolhemos centrar no estudo de duas obras, qual seja, nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844 (MARX, 2010) e na *Ideologia Alemã* de 1845-1846 (MARX, ENGELS, 2007).

Justifico o recorte nestas obras por entender que nelas se encontram o processo inicial de uma constituição de uma teoria dialético-materialista a partir do debate crítico com a filosofia idealista alemã, especialmente a filosofia hegeliana e com a teoria da economia política de sua época. São nas obras deste período que se encontra em gestação, “[...] a reflexão sobre a constituição das formas de produção a partir do exercício da autoatividade humana – o trabalho – e alcançando a maturidade dessa

reflexão incorporada nos estudos sobre o modo de produção capitalista e exposta em sua grande obra *O Capital* (SOUSA, 2020, p. 127).

Para falarmos sobre a categoria do trabalho, devemos nos lembrar de um processo histórico que envolve, acima de tudo, o ser humano. Todo o processo do ser humano desde os primatas, os primeiros hominídeos, até a sua forma evolutiva atual como ser social, só é possível por conta do trabalho, essa habilidade que nos diferencia dos outros animais. (SOUSA, 2020)

Junto com Marx (2010) podemos entender que, nós, seres humanos, fazemos parte da cadeia natural, da natureza e, assim como os demais seres do reino animal, temos nosso instinto animal (beber, procriar, comer etc.). O que nos difere, então, dos outros seres é a nossa capacidade de transformar a natureza ao nosso redor para satisfazer nossas carências e necessidades. O homem imagina e produz a transformação. O ser consciente tem a *ideação prévia* (LUKÁCS *apud* SOUSA, 2020) em sua consciência do que ele deseja transformar, ou seja, tem uma imagem pré-concebida do que ele deseja imprimir e realizar por uma atividade intencional e dirigida. Importante ressaltar que, todos os animais promovem transformação na natureza, mas seguem apenas seus instintos biológicos. O ser humano transforma a natureza para além do seu biológico.

Isso é o trabalho, ou seja, vemos em Marx que o trabalho é essa habilidade que os hominídeos adquiriram ao longo de sua fase evolutiva até chegar ao que somos hoje, *homo sapiens* que transforma a natureza – e que *produz* – para fins de suprir as carências e necessidades do próprio ser-que-trabalha. (MARX, 2010; ANTUNES, 2007, SOUSA, 2020).

Na última frase acima encontra-se destacado a palavra produção para um importante adendo: pode-se dizer que os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* é a primeira obra na qual a produção material e imaterial para as condições de existência, ou seja, o ato de trabalho, aparece em desenvolvimento como categoria central da vida humana.

O ser humano só se tornou o que é hoje por conta do trabalho que exerce, pela sua habilidade de transformar a natureza e mundo. Logo, o trabalho é a atividade vital para o gênero humano, ou seja, o trabalho é o que nos torna *humanos* e o que move a humanidade desde antes da constituição das primeiras civilizações.

Acompanhando Marx (2010), temos a seguinte consideração:

O animal produz apenas sob o domínio da carência¹ física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre de carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na sua liberdade com relação a ela; o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; no animal, o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem defronta livremente com seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência da espécie à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer espécie, e sabe considerar, por toda parte, a medida inerente ao objeto. (MARX, 2010, p. 85)

Com essa inicial conceituação, podemos refletir a partir das ideias de Marx (2010) sobre a consciência que o ser humano adquiriu com o trabalho.

Conseguimos nos diferenciar dos outros animais pela transformação que realizamos na natureza. Para se chegar nesse ato de pegar algo na natureza e transformá-la em objeto ou em outro elemento que venha para atender alguma de nossas necessidades, o homem precisa refletir, pensar, precisa existir uma consciência para questionar o que está posto e exercer seu trabalho para haver a transformação. Ou seja, é através do trabalho que a consciência se põe no mundo.

Com isso podemos refletir que a consciência humana surge somente a partir do trabalho, na relação metabólica entre o ser humano e o meio que lhe é exterior, a natureza. Sem consciência não há trabalho e sem trabalho não há consciência, raciocínio. Marx (2010) vê o consciente como algo importante e com potência para modificar a realidade, ela tem muito poder no plano de ser e não é carente de força. “A essência do trabalho consiste precisamente em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente” (LUKÁCS, 1969, p. 05).

Ou seja, a consciência e a habilidade do trabalho nos fazem ir além do caráter biológico e animal, ela nos torna humano. O trabalho é, então, o momento de realização do ser social. Estar consciente de sua produção de que deseja realizar, exercer o trabalho para realizar é a condição para a sua existência como ser social.

Nós como seres sociais nos distinguimos pela consciência, “pelo ato consciente que, no ser social, deixa de ser um mero epifenômeno da reprodução biológica. Ao pensar e refletir, ao externar sua consciência, o ser social se humaniza e se diferencia das formas anteriores do ser social.” (LUKÁCS *apud* ANTUNES, 2005, p. 67)

¹ Vale ressaltar aqui que quando se fala em carência e necessidades humanas que precisam ser supridas, não estamos falando de desejo, mas sim da falta de algo necessário ou que esteja privado ao sujeito.

Marx (2010) quando fala sobre o trabalho e todo o processo histórico de humanização do homem traz a ideia de que o trabalho é essência vital do ser humano, ou seja, o homem é formado pelo trabalho e a consciência que ele coloca em seu ato, seja para produzir o seu produto, seja para questionar o que se está produzindo e o porquê. O trabalho, de maneira consciente, produz essas manifestações no homem, de grandeza e desenvolvimento.

O trabalho é vida somente quando o trabalhador for consciente, dotado de perguntas e respostas. Temos de estar conscientes do que é o trabalho que exercemos na nossa sociedade e, para nós mesmos, se ele atende nossas necessidades, se eu me sinto feliz, satisfeito, se eu consigo viver no meu trabalho e não somente fora dele: “A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal” (MARX, 2010, p.84).

O trabalho é, então, o momento de realização do ser social. Estar consciente de sua produção, de que deseja realizar, exercer o trabalho para realizar é a condição para a sua existência como ser social, “[...] por isso, ponto de partida para a humanização do ser social.” (ANTUNES, 2005, p. 68). O homem transforma as forças e objetos da natureza em meios, objetos de trabalho, em matéria-prima. Assim, *o próprio homem que trabalha é transformado pelo seu trabalho*. É uma transformação recíproca, pois “[...] faz com que o trabalho social se converta em elemento central do desenvolvimento da sociabilidade humana” (ANTUNES, 2005, p. 68).

Por último, mas não menos importante, para se entender melhor a relação entre trabalho e consciência, é importante ressaltar brevemente a relevância que possui a linguagem, sendo ela também uma forma de a consciência se pôr no mundo e uma outra característica que nasce da necessidade humana de comunicação no ser social.

A linguagem é tão antiga quanto a consciência - a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens. Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens. (MARX; ENGELS, 2007, p. 34)

Trouxemos até aqui reflexões sobre como o trabalho é constituidor do ser humano, do ser social e que essa ação depende da consciência, da sua efetivação através do e da linguagem que possibilita a constituições dos nexos e relações dos seres sociais. Vamos explorar agora sobre como esse trabalho é visto e explorado a partir do sistema econômico capitalista.

1.2 Transição dos sistemas econômicos e surgimentos das classes sociais

Na análise que se desdobra sobre o processo de trabalho, tivemos diversas formações socioeconômicas instituídas no percurso histórico da humanidade correspondente a forma como a humanidade produziu material e imaterialmente as condições para a sua vida. Não cabe neste trabalho de realizamos uma longa digressão acerca das formas históricas de produção. Por isso, centraremos no processo histórico a partir da ascensão do modo de produção capitalista (com a consolidação da propriedade privada dos meios de produção e da indústria) na qual também se ascende uma nova forma de socialidade e ser social assentada nas classes sociais fundamentais e antagônicas instituídas, a burguesia e o proletariado.

Levaremos em consideração os momentos a partir desse novo sistema econômico pois vivemos sob a regência dele nos dias atuais e, levando em consideração que Marx faz seus estudos a partir da sua realidade histórica no início da era burguesa. É a partir desse período, também, que se tem início a vários processos sociais e humanos que experienciamos hoje e que vamos retratar nesse trabalho, questões sobre a sistematização do conhecimento em suas variadas formas, educação, ciência e modos de vida social. É importante essas análises históricas para compreendermos como o conhecimento, a ciência e a Educação Física escolar se posiciona ainda hoje numa sociedade classista e que possui viés mercadológico e ideológico. Veremos essas discussões ao longo do trabalho.

A revolução industrial ocorrida a partir do século XVIII transformou o sistema econômico de quase todo o mundo. Hoje vivemos os reflexos dessa era que nos molda até os dias atuais. A revolução burguesa, a princípio, foi um movimento necessário para a transição do sistema econômico feudal para o sistema que passaria a utilizar o capital e o assalariamento, ou seja, se antes existia a hierarquia social de senhores feudais e servos, após a revolução industrial passou a existir a classe burguesa e o proletariado, trabalhador.

A diferença era que no período feudal a mão de obra dos servos não era remunerada, e só depois da revolução que a mão de obra do trabalhador passou a ser remunerada. E assim surge o capitalismo:

A transição do feudalismo ao capitalismo significou a substituição da terra pelo dinheiro, como símbolo de riqueza: foi um período em que um conjunto

de fatores preparou a desagregação do sistema feudal e forneceu as condições para o surgimento do sistema capitalista. (ANDERY *et al*, 1996, p.163)

Esta é uma das características importantes que se encontra na constituição do modo de produção capitalista. A classe burguesa revolucionou o mundo descentralizando o poder dos senhores feudais e veio com a ideia de liberdade para os servos. Porém, vamos imaginar, são pessoas que não tinham nenhuma instrução, não eram letrados, não sabiam se portar direito tendo que se ver livre dos feudos. Pra quem vivia na miséria, passou a viver com nada, sem perspectiva, sem comida, sem moradia. A saída era fornecer a mão de obra para as indústrias e viver do trabalho assalariado (ANDERY *et al*, 1996).

Realmente, toda nova classe que toma o lugar de outra que dominava anteriormente é obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seu interesse como interesse comum de todos os membros da sociedade, quer dizer, expresso de forma ideal: é obrigada a dar às suas ideias a forma da universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas. (MARX, ENGELS, 2007, p. 48)

Marx e Engels (2007) ainda ressaltam:

Quando a burguesia francesa derrubou a dominação da aristocracia, ela tornou possível a muitos proletários elevar-se acima do proletariado, mas isso apenas na medida em que se tornaram burgueses. Cada nova classe instaura sua dominação somente sobre uma base mais ampla do que a da classe que dominava até então, enquanto, posteriormente, a oposição das classes não dominantes contra a classe então dominante torna-se cada vez mais aguda e mais profunda (MARX, ENGELS, 2007, p. 49).

A burguesia veio para revolucionar o novo sistema econômico. Contudo, surgiram as suas problemáticas. O capital trouxe consigo o poder de adquirir bens, de se sobressair através do trabalho do outro, concorrência, competição, imposição de regras que fazem sentido para uma parte da sociedade e que não faz sentido para outra maioria. A nova classe teve seu início de transformação em um mundo novo, mas ela se torna egoísta quando o poder de quem o possui é utilizado para humilhar quem não têm.

A transição do sistema econômico e social para a utilização do capital, dinheiro, carrega consigo algumas problemáticas sociais. Onde o capital/dinheiro impera, o social e o humano passam a ser segundo plano. Agora há uma moeda de troca que gira a economia e toda a estrutura da sociedade. A ideia é, quem possui mais capital, mais conforto e bem estar irá possuir. E quem não possui terá de se vender para adquirir o que necessita.

Com isso, vemos uma sociedade e comunidade que possui em sua cultura a competição, ganância e o egoísmo, pois nesse sistema a caminhada da vida gira em torno de trabalhar pra adquirir e atender somente as necessidades básicas. Essas conceituações são inicialmente visualizadas nas obras de Marx, nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos e na Ideologia Alemã*².

Marx (2010) explana sobre o trabalho ser o que dá a vida ao ser humano, o que nos torna humano. Sem trabalho não há ser humano, logo, somos trabalhadores, estamos constantemente transformando a natureza e mundo. O trabalho não deveria nos aprisionar, nos limitar, não deveria ser algo que nos tira a vida. E é justamente isso que o capitalismo carrega consigo.

Como consequência, o trabalho acaba por nos formar como seres unidimensionais, unilaterais tornando a nossa atividade produtiva consciente – próprio trabalho – um meio de subsistência:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2010, p. 80)

O ser humano conseguiu transformar algo que deveria ser sinônimo de liberdade. E hoje lutamos para sermos seres emancipados, conscientes e que leva a consciência adiante.

O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não e por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. (MARX, 2010, p. 83)

O trabalho, então, difere de seu sentido original de ser uma primeira necessidade, algo útil, torna-se um meio. Marx (2010) explica que o trabalho se torna algo *estranho* ao ser humano, tornando-se apenas um meio de sua existência.

² Como o presente trabalho se concentra, mais especificamente, em duas obras de Marx, não será realizado um aprofundamento das teorias marxianas a que corresponde os conceitos e análises sobre capital. Traz-se aqui apenas uma explanação geral de como a moeda de troca se torna algo relacionado ao poder da burguesia.

O trabalho, então, difere de seu sentido original de ser uma primeira necessidade, algo útil, torna-se um meio. Marx (2010) explica que o trabalho se torna algo *estranho* ao ser humano, tornando-se apenas um meio de sua existência.

Na era do capitalismo, quanto mais valioso a mercadoria que ele produz, menos valor o trabalhador possui. Mas não somente pelo fato do seu salário não ser justo, mas é que no mundo capitalista que coisifica o ser humano e o torna uma *coisa*, o produto mais valioso, o trabalhador perde seu valor. O que ele produz é mais caro que sua mão de obra. Um objeto tem mais valor do que um ser humano. O mundo onde se valoriza mais as coisas, o trabalhador e o ser humano perdem seu valor.

O próprio trabalhador se torna mercadoria. O trabalhador se relaciona com o objeto do seu trabalho como algo estranho, alheio. A estranheza do trabalho encontra-se em estágios avançados e sob formatos aperfeiçoados, de forma que o trabalho não é mais para a satisfação de suas carências, mas para satisfazer necessidades exteriores a ele próprio (o trabalhador).

O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador. (MARX, 2010, p. 82)

O trabalho, como aponta Marx (2010), é atividade vital do homem, ele pertence ao seu ser. No capitalismo, o trabalho se torna externo ao trabalhador, não pertence mais ao seuser, é algo que está fora dele e não dentro de si, não é algo que lhe dá motivação e vida. Ou seja, a maneira que o trabalho é colocado no capitalismo desconfigura a essência que o trabalho possui.

Com isso, o trabalhador não consegue se apropriar do produto que ele produz, da sua ação de exercer trabalho e do seu modo de vida, uma vez que ele trabalha apenas para adquirir suas necessidades básicas: “O trabalhador, diz Marx (2010), sente livremente ativo em suas funções animais (comer, beber, procriar, etc.) e suas funções humanas sente-se como um animal. O que é próprio da animalidade se torna humano e o que é próprio da humanidade se torna animal.” (ANTUNES, 2005, p, 71).

Marx (2010) ainda ressalta:

O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si quando fora do trabalho e fora de si quando no trabalho. Está em casa quando

não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. [...] O trabalho externo, o trabalho, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto sacrifício, de mortificação. Finalmente, a externalidade do trabalho aparece para o trabalhador como se o trabalho não fosse seu próprio, mas de um outro, como se o trabalho não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro.[...] Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo. (MARX, 2010, p. 83)

O trabalho quando não nasce da necessidade interna de ser útil e necessária ao humano, ao meu ser, quando não me acrescenta, se torna odioso, penoso, não vejo sentido na atividade que eu pratico, no objeto que produzo. Quando se torna tudo isso é quando é uma atividade puramente imposta e minha obrigação em realizá-la é para uma necessidade de sobrevivência. Ele desumaniza o ser humano. A alienação do ser humano pelo trabalho faz com que ele se perca de si mesmo, portanto, desumanizado, sem vida (MARX, 2010).

O trabalho que aliena o ser humano, vê o produto de seu esforço como algo estranho a si, como também o sujeito passa a estranhar a si mesmo e ao próximo. Com isso o trabalho do homem alienado consiste em produzir para o outro, para o outro “possuidor” ganhar com o produto do trabalho explorado e para atender a necessidade do possuidor. O produto por ele produzido se torna indiferente ao valor que ele produz. A alienação *coisifica* o ser humano, o impedindo, inclusive, de se realizar como ser humano. É um indivíduo tomado abstratamente, não um ser livre, emancipado e com consciência. Ele aqui já perdeu sua consciência de onde está, o que pode fazer e como mudar sua situação.

Em suma, o sistema capitalista e a socialidade nela constituída produziu e suscitou o egoísmo humano, tornando-o parte da nossa cultura e deixou de lado o senso de comunidade, de olhar para o próximo, de pensar em uma sociedade justa e que seja vida e bem estar para todos, não somente para uma parte da sociedade.

Marx traz em seus estudos reflexões que mexem com nossas estruturas pois todos nós estamos num mesmo sistema e sofremos pressões de algum modo. Estar a par desses estudos e conhecimento é adquirir a consciência que todo homem deveria possuir, mas infelizmente não são todos que estão conscientes. Devemos, então, produzir conhecimento e passá-lo a diante, incorporá-lo em nossa vida. Assim, feitas as breves e iniciais considerações, cabe também refletirmos sobre a constituição do conhecimento humano no interior do processo de trabalho, que virá no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: TRABALHO, CONHECIMENTO E CIÊNCIA

No capítulo anterior deste trabalho tecemos as nossas iniciais considerações acerca da atividade humana que é responsável pela sua própria constituição e formação enquanto ser humano e social. O primeiro capítulo centralizou-se em demonstrar conceitos sobre trabalho, consciência e formação social. Para isso, o presente trabalho se concentra em buscar entendimentos sobre essas temáticas a partir das ideias de Karl Marx e seu método, realizando uma abordagem histórica para compreensão das temáticas de modo que haja um diálogo entre as ideias marxianas.

O trabalho significou, conforme se vê em Marx (2010), a constituição de uma atividade que elevou o ser humano a uma condição distinta dos demais seres viventes. Também vimos que este constante metabolismo entre o ser humano e o meio exterior (a natureza), não somente produziu coisas, objetos, mercadorias. Produziu também a própria consciência humana e a condição para se tornar um ser social. Podemos acompanhar a síntese presente no texto de Sousa (2020):

[...] a condição de afastamento desta naturalidade também foi condição primordial para o desenvolvimento da consciência, das formas de relações e toda socialidade derivada (a formação tanto das singularidades – individualidade, subjetividade – quanto da genericidade – grupos, comunidade, sociedade). E aqui [...] entende-se a categoria trabalho como fundamental para a formação do ser humano, em seus aspectos singulares, como a própria formação do gênero humano. (SOUSA, 2020, p. 168)

O segundo capítulo dará continuidade ao que foi proposto no capítulo anterior sobre o que nos torna humano: o trabalho, a consciência que se objetiva e, agora, pretendemos discutir sobre o conhecimento que se forma na própria processualidade do ser humano e social. Para isso iremos discutir sobre formas de conhecimento, educação, ciência e, por fim, como a Educação Física escolar se insere nesses processos aqui retratados.

Tendo como ponto de partida esta importante compreensão sobre a formação do ser humano, cabe agora neste capítulo, delinear a seguinte questão: se, conforme vimos com Marx e Engels (2010; 2007), o movimento ocasionado pelo trabalho para a produção da existência material e não-material define e também produz a própria consciência humana, é também neste mesmo movimento que o ser humano toma consciência-de-si, de seu lugar no mundo, de sua relação e interação estabelecida com o que lhe é exterior (que é a natureza imediata aos seus sentidos) na qual *a nomeia*, lhe

confere *sentidos, conceitos e palavras*. Desta forma, buscaremos aqui tecer e considerar que o conhecimento é uma produção humana, é resultante da objetivação da consciência. A produção da existência humana, todo o processo que é desencadeado a partir daí, possibilitou ao ser humano a criação de objetos, artefatos, coisas que mediarão a relação com a natureza. Este mesmo processo também propiciou o desenvolvimento das ideias (seja em formas menos racionais ou irracionais, em valores, crenças e conhecimentos) e os mecanismos para sua elaboração, como a própria capacidade racional. Ainda se aportando nas considerações lukacsianas, torna-se bastante importante trazer aqui mais um detalhamento. Cabe alertar que a leitura da obra e da teoria elaborada por György Lukács merece uma atenção e aprofundamento maior posteriormente. Por leitura direta no próprio Lukács, temos:

O trabalho é formado por posições teleológicas que, em cada oportunidade, põem em funcionamento séries causais. Basta essa simples constatação para eliminar preconceitos ontológicos milenares. Ao contrário da causalidade, que representa a lei espontânea na qual todos os movimentos de todas as formas de ser encontram a sua expressão geral, a teleologia é um modo de pôr - posição sempre realizada por uma consciência - que, embora guiando-as em determinada direção, pode movimentar apenas séries causais (LUKÁCS, 1969, p. 06).

Aqui cabe recorrer à leitura e compreensão encontrada no trabalho de Sousa (2020) que demonstra, a partir da leitura da obra lukacsiana e de estudiosos deste autor, que a teoria e ontologia deste filósofo se assenta no par categorial causalidade-teleologia.

A apreensão, pela consciência, dos nexos causais presentes na esfera inorgânica-orgânica e que regem os fenômenos presentes na natureza, é impulso para o desenvolvimento de uma atividade que visa uma finalidade. Ou seja, a atividade humana e intencional, o trabalho, é uma atividade teleológica que, inclusive, põe o resultado do trabalho no mundo (exteriorização e objetivação), gera novos nexos causais e que se torna um elemento importante para o salto humano para além das legalidades naturais. O processo metabólico humano “[...] ocasiona a subordinação da causalidade ao pôr teleológico” (SOUSA, 2020, p. 222).

Toda esta processualidade em que temos a consciência se pondo, se objetivando, significa também a constituição do conhecimento. Vemos isso com Lukács na seguinte afirmação: “O trabalho é um ato de pôr consciente e, portanto, **pressupõe um conhecimento concreto**, ainda que jamais perfeito, de determinadas finalidades e de determinados meios” (LUKÁCS, 1969, p. 09, grifos nossos).

Segundo Andery *et al* (1996), à luz dos fundamentos em Marx e Engels, a partir do conhecimento, o ser humano modifica, transforma e cria novas necessidades³ “[...] que passa a ser tão fundamental quanto às chamadas necessidades básicas à sua sobrevivência [...]” (ANDERY *et al.* 1996, p. 10).

O ser humano não cria e transforma somente, ele desenvolve ideias, pensamentos, planejamentos, cria mecanismos para elaboração de algo novo: “A criação de instrumentos, a formulação de ideias e formas específicas de elaborá-los – características identificadas como humanas - são fruto da interação homem-natureza” (IDEM, 1996, p.10). Ou seja, “[...] cada nova interação reflete uma natureza modificada” (IBIDEM, 1996, p. 10).

Todo esse processo de interação do ser humano com a natureza, essa transformação mútua e consciente do ser humano, processo este em que o ser humano e social também se objetiva, é o que o diferencia dos outros animais, seres vivos presentes na natureza. Sua ação é planejada, intencional e é socialmente elaborada, coletiva, pois o ser humano não vive isoladamente, haja visto que suas ações, a princípio, são (ou deveriam ser) em prol da própria espécie humana.

Novamente recorremos a seguinte síntese elaborada por Andery *et al* (1996) para expressar a nossa concepção sobre o tema aqui abordado:

A ação humana não é apenas biologicamente determinada, mas se dá principalmente **pela incorporação das experiências e conhecimentos produzidos e transmitidos de geração a geração**; a transmissão dessas experiências e conhecimentos - por meio da educação e da cultura - permite que a nova geração não volte ao ponto de partida da que a precedeu. (ANDERY *et al*, 1996, p. 10, grifo nosso)

Voltemos à elaboração anterior. Entendemos até aqui que o conhecimento é uma produção humana, são formas de objetivações da consciência humana. Este se forma pela relação que estabelecemos com a natureza, meio exterior e entre os indivíduos pertencentes ao gênero humano. Esta relação é mediada pela nossa própria condição corpórea na qual possuímos órgãos sensoriais e sistema nervoso com maior desenvolvimento quando comparado com outros seres vivos. São por estes órgãos corporais que as coisas e objetos presentes no mundo exterior ao ser humano são apreendidas. E através de nossa ação na natureza mediada pelo trabalho, todo um processo de constituição do conhecimento é desencadeado quando a realidade posta e

³ Conforme delineamos no primeiro capítulo, a carência-necessidade se encontra também no fundamento do trabalho e do agir humano.

exterior ao ser humano é reproduzida na consciência, ocorre *o espelhamento objetivo da realidade na consciência*.

Busquemos brevemente tecer o que seja o espelhamento objetivo da realidade na consciência. Para Lukács (*apud* SOUSA, 2020), o processo da formação da consciência ocasiona *o espelhamento da realidade nela própria (na consciência)* por promover uma separação precisa entre objetos que existem independentemente do sujeito e sujeitos que figuram esses objetos, por meio de atos de consciência e que possam convertê-los em algo que lhe é próprio, o próprio conhecimento. Dirá Lukács, conforme se encontra no trabalho de Sousa (2020) que somente com o materialismo histórico-dialético é que se confere a posição central e, assim, correta, do espelhamento da realidade.

Como visto no primeiro capítulo acerca da teoria marxista, a partir da ação do ser humano de exercer o trabalho e transformar a natureza para a sua sobrevivência pessoal e de sua prole, ele também é dotado de consciência que lhe permite questionar e analisar, pois a partir dessa consciência o ser humano consegue atuar na natureza com seu trabalho. O trabalho, então, a partir da consciência e da linguagem (que entende-se também como objetivação da consciência), dá luz ao conhecimento.

O conhecimento é a expressão da forma como apreendemos e aprendemos sobre as coisas do mundo para darmos significados às coisas, ele vai se tornando mais elaborado com o tempo. Sendo assim, é uma transformação mútua uma vez que, o ser humano modifica a natureza e ele também é modificado por ela.

A atuação do homem diferencia-se da do animal porque, ao alterar a natureza, por meio de sua ação, torna-a humanizada; em outras palavras, a natureza adquire a marca da atividade humana. Ao mesmo tempo, o homem altera a si próprio por intermédio dessa interação; ele vai se construindo, vai se diferenciando cada vez mais das outras espécies animais. A interação homem-natureza é um processo permanente de mútua transformação, esse é o processo de produção da existência humana. (ANDERY et al, 1996, p. 10)

Traçar este percurso nos é importante para então concebermos que as formas de conhecimento existentes são resultadas de longos processos históricos e sociais, a exemplo do conhecimento científico (debruçaremos posteriormente sobre estas formas para uma reflexão) e sujeitos à própria forma como a sociedade se organiza.

Assim, o conhecimento possui uma função social e se encontra sob a égide das forças presentes na sociedade. Vejamos a seguir, as principais formas de conhecimento.

2.1. As formas Socialmente Constituídas de Conhecimento

As objetivações humanas se converteram em conhecimento sobre as coisas. No percurso da própria processualidade histórica do ser social, a objetivação da consciência resultou em distintos desenvolvimentos. Então, juntamente com o conhecimento surgem as várias formas de conhecimentos que o ser humano criou para auxiliar nas respostas sobre a vida e o mundo.

Essas formas de conhecimento têm muita relevância social, suas formas tiveram seus momentos predominantes na história, cada uma delas possui seu valor. Aqui iremos explicar com mais especificidade sobre o conhecimento científico, sua importância em prol de buscar a verdade e a transformação social, mas também que neste modo de produção, a ciência e a técnica nela contida, se convertem em força produtiva e mesmo, ideologia.

Refletiremos também sobre como esses conhecimentos são repassados através das instituições sociais, exclusivamente sobre educação e a escola. Por fim, vamos levantar questões sobre como a Educação Física escolar se insere nesses contextos aqui abordados e sua importância social e científica.

Então, como surge o conhecimento? Para se explicar o processo da formação do conhecimento e seu surgimento devemos, novamente, entender que o ser humano se relaciona com a natureza assim como os outros animais, porém é uma relação e atuação diferente, de transformação da natureza pela execução humana. Com o passar do tempo foram surgindo várias formas de conhecimento.

O ser humano viu a necessidade de questionar e de obter respostas sobre as várias questões que o cercavam. Dentre as formas, tratemos das principais manifestações, a partir da definição presente no trabalho de Sánchez-Gamboa (2018): segundo a filosofia clássica grega, os conhecimentos mítico-religioso (razão mítica), o do senso comum-opinativo (doxa), o conhecimento filosófico e científico (epistémé) e o conhecimento artístico-estético.

Cada uma dessas formas de conhecimento tem sua importância social, atende necessidades diferentes e compreende algo que algum outro conhecimento não irá compreender, como por exemplo, a filosofia auxilia nas questões e reflexões sobre o mundo⁴.

O conhecimento religioso tenta compreender o sobrenatural. A filosofia e a ciência, segundo Sánchez-Gamboa (2018), elas te libertam do medo, elas questionam,

abre espaço para o diferente, para a curiosidade, para que possamos estudá-los e entendê-los. Elas permitem conhecer os mistérios do mundo. O conhecimento científico busca compreender a verdade da nossa realidade, e é sobre ele que vamos nos embasar e discorrer aqui.

Ainda acompanhando o trabalho de Sánchez-Gamboa (2018), este esclarece que para constituir o conhecimento deve existir pergunta e resposta, deve haver uma pergunta que move o sujeito a ir buscá-la. A partir da pergunta, o pesquisador irá buscar as respostas a fim de traduzir o conhecimento que se está pesquisando para que qualquer outra pessoa que tenha acesso consiga compreender o que está sendo pesquisado. Com isso, surgem os métodos e as formas de se organizar um conhecimento para se obter um trabalho universal, acessível à comunidade e à humanidade com resultados verdadeiros.

Tais respostas poderão ser sistematizadas, organizadas na forma de informações padronizadas e selecionadas para serem divulgadas, transmitidas e consumidas em forma de dados, informações, saberes, teorias, esquemas, fórmulas, receitas, resumos, livros, publicações, bibliotecas e redes de informação. (SÁNCHEZ-GAMBOA *apud* SÁNCHEZ-GAMBOA, 2018, p.12).

No trabalho de Andery *et al* (1996, p.13), também encontramos uma definição sobre o conhecimento científico, a partir de uma compreensão marxiana: “A ciência caracteriza-se por ser a tentativa de o homem entender e explicar racionalmente a natureza, buscando formular leis que, em última instância, permitam a atuação humana”. Para desvendar e compreender essas leis presentes no mundo, são elaboradas ou descobertas, métodos investigativos que são acompanhadas (ou deveriam ser acompanhadas) de uma teoria explicativa sobre o ser e o mundo.

Ou seja, a ciência inicialmente desenvolvida pretendeu-se metódica, objetivista, empírica e pragmática para a exigência e validação da verdade e da realidade. Características estas que compõem o modelo positivista de produção de conhecimento científico. O método e a ciência sofreram (e ainda sofrem) interferências por conta das transformações que o mundo produz e por conta dos diferentes momentos históricos. A ciência está atrelada a nossa formação e constituição humana advinda do trabalho humano desenvolvido na historicidade do ser social.

⁴ Não somente o conhecimento, a ciência e a técnica possuem uma função social, como também, acompanhando aqui a reflexão que Marx tece nos *Grundrisse* e no *Capital* citado por Sousa (2020), são convertidos em força produtiva.

Enquanto tentativa de explicar a realidade, a ciência caracteriza-se por ser uma atividade metódica. É uma atividade que, ao se propor conhecer a realidade, busca atingir essa meta por meio de ações passíveis de serem reproduzidas. O método científico é um conjunto de concepções sobre o homem, a natureza e o próprio conhecimento, que sustentam um conjunto de regras de ação, de procedimentos, prescritos para se construir conhecimento científico. (ANDERY *et al*, 1996, p. 14)

Sobre as realidades históricas, sociais e a relação com a ciência, Chauí (2000, p. 358), ao comentar a configuração da ciência na modernidade e a instituição de um determinado ideário, explica que a “[...] imagem da neutralidade científica é ilusória”. A autora explana que o conhecimento científico não é neutro, nem imparcial, nem desinteressado. Na verdade, os conhecimentos, de forma geral, acompanham o pensamento e a ideologia da sociedade atuante, possui interesse político, social e classista.

Ainda acompanhando Chauí (2000) explica que “[...] quando o cientista escolhe uma certa definição de seu objeto, decide usar um determinado método e espera obter certos resultados, sua atividade não é neutra nem imparcial, mas feita por escolhas precisas”. Por mais que a síntese da ciência seja o compromisso com a verdade, ela irá atender a demanda da ideologia⁵ classista dominante, seja no âmbito público ou privado.

Muitas pesquisas científicas simplesmente não têm conclusões por não atenderem aos interesses da humanidade naquele momento social.

Na medida em que a razão se torna instrumental, a ciência vai deixando de ser uma forma de acesso aos conhecimentos verdadeiros para tornar-se um instrumento de dominação, poder e exploração. [...] A ciência tornou-se parte integrante e indispensável da atividade econômica. Tornou-se agente econômico e político. (CHAUÍ, 2000, p. 361-364)

Podemos analisar a partir da autora supracitada que a ciência da era burguesa tinha uma intencionalidade e que, muitas vezes, os estudos da época não estavam de acordo com a realidade e a verdade, uma vez que ela não é neutra e possui um caráter

⁵ A questão da ideologia merece um estudo mais aprofundado, haja visto que na obra marxiana, ela possui desenvolvimentos diferentes no percurso de sua obra. Como o presente trabalho se encontra focado em duas obras de Marx e Engels, traremos aqui aquilo que se encontra no livro *A Ideologia Alemã* (MARX; ENGELS, 2007). Nesta obra, os autores definem ideologia como toda e qualquer elaboração ideal que, apesar de estar saturada de interesses materiais, não se reconhece dessa forma. São formulações ideais que ignoram seus condicionantes sócio-históricos e se apresentam como protagonistas (autoras) da história. Com isso, distorcem ou falsificam a compreensão da história e por não se compreenderem como produtos sócio-históricos acabam por representar uma consciência real, mas invertida e falsificada. Vê-se então, conforme sintetizado por Sousa (2020) que, até esta obra, Marx e Engels trabalhavam com um sentido crítico negativo de ideologia.

ideológico por trás, atuava para atender a demanda da burguesia, regular corpos, atitudes e formas de vida sociedade a fim de manter a classe burguesa no seu *status* de poder.

Essa ciência e o método positivista não consegue lidar com o todo da sociedade e do ser social por ser um método que abrange as ciências naturais. Chauí 2000, explicando essa ciência da burguesia que não possui neutralidade, uma vez que o método atende à demanda classista da burguesia, traz uma análise importante sobre a cientificização que percorre os dias atuais e a Educação Física escolar sofre interferências sobreisso. Sendo assim, Chauí (2000) explica:

O cientificismo é a crença infundada de que a ciência pode e deve conhecer tudo, que, de fato, conhece tudo e é a explicação causal das leis da realidade tal como esta é em si mesma. Ao contrário dos cientistas, que não cessam de enfrentar obstáculos epistemológicos, problemas e enigmas, o senso comum cientificista desemboca numa ideologia e numa mitologia da ciência. (CHAUÍ, 2000, p. 358)

Para melhor entendimento dos conceitos trazidos pela autora supracitada, a ideologia da ciência se determina na total crença de que a ciência responderá todas as questões da realidade, enquanto que a mitologia da ciência acredita que a ciência irá tomar o lugar da religião, apontando doutrinas “absolutas e inquestionáveis.” (IDEM, 2000). Iremos analisar sobre a interferência da cientificização nas considerações finais ao falarmos mais especificamente sobre a Educação Física escolar.

Porém, para Marx (*apud* ANDERY et al, 1996), a ciência possui uma força progressista, potencial e realmente libertadora, capaz de aumentar o poder do homem sobre a natureza e sobre seu próprio destino. Neste sentido, a própria obra de Marx é a proposição de um método e teoria social que propõe ser uma ciência, um método correto que se contrapõe à concepção idealizada presente no método positivista:

Para Marx, em suma, aquilo que concerne à ciência positivista e burguesa como a experimentação, repetição, comprovação, refutação (critérios e procedimentos metodológicos presentes no modelo da ciência natural), não é de fato um modelo de ciência para a investigação social, pois esta não desvela a realidade e as determinações dos fenômenos sociais, podendo converter-se, inclusive, em uma ideologia por apresentar de forma parcial a captação *aparencial* da realidade que não revela as contradições presentes nela, além de naturalizar o que seja de caráter histórico. (SOUSA, 2020, p. 17).

A partir da análise dessa ciência no contexto social da época, Marx surge com seu método, o materialismo histórico-dialético, com a finalidade de atender o real objetivo da ciência com seu compromisso em desvelar a verdade, a transformação social

levando em conta os processos subjetivos, históricos, sociais e humanos. Ou seja, Sousa (2020, p.17) esclarece que Marx fazia críticas ao positivismo enquanto um método que não consegue atender às demandas que o estudo do social necessitava, uma vez que os estudos do positivismo irão tratar o social como coisa para caber nas leis das ciências naturais.

Para Marx, em suma, aquilo que concerne à ciência positivista e burguesa como a experimentação, repetição, comprovação, refutação (critérios e procedimentos metodológicos presentes no modelo da ciência natural), não é de fato um modelo de ciência para a investigação social, pois esta não desvela a realidade e as determinações dos fenômenos sociais, podendo converter-se, inclusive, em uma ideologia por apresentar de forma parcial a captação aparental da realidade que não revela as contradições presentes nela, além de naturalizar o que seja de caráter histórico. (SOUSA, 2020, p.17)

Feitas estas considerações, voltemos para traçar iniciais aproximações com a educação e a Educação Física escolar, expressões estas da objetivação humana, da constituição do conhecimento e espaços/instituições responsáveis pela formação humana a partir da difusão do conhecimento.

2.2. O Conhecimento, a Educação e a Educação Física

A ciência é um produto histórico, vai acompanhar o processo de mudança e interesses sociais. As formas e categorias do conhecimento criadas pelo ser humano para entendermos o mundo são mutáveis, assim como a história da humanidade. Nisso, pensar que a ciência não é absoluta tira o caráter e o objetivo que ela tem. Compreende-se, então, que a ciência é uma objetivação do ser humano que se desenvolve a partir de uma intencionalidade.

As experiências e conhecimentos adquiridos são repassados através da educação, cultura e por meio das instituições sociais (escola, família, igreja, política, mídias etc.). O homem não age apenas a partir de sua biologia, mas também, pela incorporação de conhecimentos passados de gerações. Ele vai se modificando e “[...]alterando aquilo que é necessário à sua sobrevivência.” (ANDERY et al, 1996, p. 10). Isto, inclusive, são elementos pertinentes para a própria reprodução social.

Para falarmos sobre a educação brasileira, devemos ressaltar a importância de se embasar legalmente nos seus direitos e deveres que estão resguardados na Constituição brasileira:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Constituição Federal da República

Federativa do Brasil, art. 205. Grifo nosso)

A partir de 1988 com a implantação da nova constituição brasileira pós regime militar, veio diversas políticas públicas e documentos importantes para legitimar, democratizar e oferecer subsídios aos cidadãos em todos os âmbitos sociais, principalmente na educação de brasileiros.

Em 1996, veio a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9.394 de 20/12/1996 que legitima o currículo como um todo:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

Portanto, a Educação Física é, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), ou seja, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.328, de dezembro de 2001, componente curricular obrigatório.

Então, a escola, universidades e outras instituições de ensino são um dos espaços que promove o ensino dos conhecimentos humanamente produzidos. Essa definição sobre a função social da escola é explicada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Sobre os objetivos e finalidades da educação brasileira segundo a LDBEN (1996) e sua função social: “Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, **tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.**” (Grifo nosso)

Sendo assim, a escola possui a função social de promover o contato coletivo e social, pela transferência dos conhecimentos através do ensino e auxiliar no processo de desenvolvimento social, intelectual crítico, cultural dentre outras habilidades. Esses conhecimentos antes de serem repassados na escola são adquiridos nas universidades e outras instituições de ensino que promovem o conhecimento científico. Sobre o ensino superior, a LDBEN (Capítulo IV Art. 43º) ressalta as finalidades desse ensino e a garantia ao acesso e ao desenvolvimento de pesquisas, investigação científica, a promoção e divulgação desses conhecimentos.

Ou seja, são nesses espaços que aprendemos a adquirir, a produzir ciência, e a interpretá-la. O objetivo é repassar esse conhecimento sistematizado para o social. Isto é, na universidade nós criamos habilidades intelectuais para praticá-las fora do meio

acadêmico. No caso da licenciatura, essa prática se concentra na escola e instituições de ensino e educação. É nessa prática diária que iremos colocar nosso conhecimento à prova pensando em exercer o melhor do que se adquiriu e apreendeu e usá-lo para a formação e desenvolvimento dos sujeitos e alunos.

Entretanto, para falarmos sobre educação devemos nos lembrar que, essa instituição social também tem influência e poder ideológico político assim como a ciência, uma vez que a escola é produto social. Isto é, a escola juntamente com o conhecimento e, sendo ela um espaço para a produção e reprodução desse conhecimento, também é um espaço onde não há neutralidade.

Essa ideologia presente nos sistemas de ensino, político e econômico, será levada para o currículo escolar e determinará seus rumos e interesses. Para compreender melhor, a ideologia possui ideias “[...] interessadas, transmite uma visão do mundo social vinculada aos interesses dos grupos situados em uma posição de vantagem na organização social” (MOREIRA; SILVA, 1995, p. 23).

Assim, Lima (2016) versa sobre essa ideologia que nos cerca que está, sobretudo, presente na escola, apontando que:

Sua outra dimensão está relacionada com mecanismos de transmissão, pois utiliza os livros de textos e as aulas dos professores para materializar-se nos rituais, nas práticas, signos, linguagens etc. Sem dúvida, a ideologia não é idealista e atua no conhecimento para produzir identidades individuais e sociais, através do curriculum escolar. (LIMA, 2016, p. 54)

Trago aqui um breve apontamento sobre currículo escolar sem muitos aprofundamentos, na intenção de demonstrar a inserção da Educação Física na comunidade escolar e parte fundamental para a formação social na educação básica e, assim, afirmar sua legitimação social. No ensino e comunidade escolar há uma sistematização de como esse ensino será repassado para os alunos. Essa sistematização se dá através do currículo escolar. Segundo Soares *et al* (1992, p.16): “Originária do latim *curriculum*, currículo significa corrida, caminhada, percurso”.

Ou seja, o currículo educacional é a caminhada que o sujeito realiza ao longo de sua trajetória escolar a partir de uma metodologia previamente planejada para auxiliar o sujeito no seu processo de apreensão do conhecimento selecionado pela escola a partir da reflexão sobre tal conhecimento.

O currículo, assim sendo, é um instrumento de criação, recriação e produção de cultura e, politicamente, um terreno de contestação e transgressão. Ou seja, o currículo é moldado a partir de cada interesse, do modo político e econômico de uma determinada

sociedade. Isso significa dizer que por trás do currículo existem relações de poder e interesses particulares, isto é “[...] o currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social” (MOREIRA; SILVA, 1995, p. 08).

Considerações Finais: Possíveis Aproximações com o Debate da Legitimação Social da Educação Física.

O presente trabalho se concentrou na elaboração de um estudo com base histórica na intenção de se realizar aproximações iniciais sobre categorias que nos permite compreender e gerar reflexões para um debate sobre a histórica tentativa de constituição da legitimação social da Educação Física escolar enviesada na tentativa de tratá-la e reconhecê-la enquanto uma ciência ou área de conhecimento localizada nas ciências da saúde. Nos embasamos aqui na teoria social de Karl Marx e Friedrich Engels, sobretudo nas obras *A ideologia Alemã*, nos *Manuscritos econômico-filosóficos* e em autores que se apropriam dos ideários marxianos.

Para chegarmos nessa discussão sobre a Educação Física, sobretudo a Educação Física escolar devemos compreender que a constituição do ser humano está no entendimento sobre trabalho, consciência e conhecimento. Segundo Marx (2010), o trabalho é constituinte primário e fundante do sersocial, a ação que ele promove para transformação da natureza e de si. Para a ação do trabalho, o ser humano desenvolveu sua consciência, a capacidade de questionamento e reflexão para depois conseguir transformar isso em ação, transformação, em trabalho. O ser humano se distingue, então, dos outros animais pelo trabalho, como afirma Marx (2010), e, também, pela consciência, como afirma Antunes (2005).

Posterior ao trabalho e a consciência, surge o conhecimento, a manifestação de como aprendemos sobre as coisas do mundo e como damos significados a cada uma delas. Com Andery *et al* (1996) compreendemos que as experiências e vivências adquiridas ao longo da vida são passadas para as futuras gerações através do conhecimento. Então, podemos analisar que o conhecimento é uma objetivação humana superior daquilo que a consciência conseguiu apreender do mundo. A partir disso, surgem as várias formas de conhecimentos que irão atender cada necessidade do ser humano, o conhecimento religioso, filosófico, artístico, científico dentre outros.

Uma das formas de conhecimento que tratamos neste trabalho é o conhecimento científico, um conhecimento pragmático que visa pesquisar sobre as coisas do mundo em busca da verdade. Contudo, vimos aqui que os métodos que se embasa cada pesquisa científica possuem um viés ideológico, ou seja, não é algo neutro, é intencional e atende

a alguma visão social majoritária, no caso a burguesia. Logo, essa busca pela verdade é endereçada a uma verdade parcial que não atende a todos. Dessa forma, temos uma cientificização, ou seja, essa ciência enviesada do método positivista (dado que é o método originário da era burguesa).

A Educação Física surge a partir de uma necessidade social concreta, num contexto de nova sociedade que está se consolidando com um novo sistema econômico, o capitalismo, “onde os exercícios físicos terão um papel destacado.” O novo homem que se formava nessa nova sociedade deveria ser forte, ágil e saudável. A transição dos sistemas econômicos trouxe a necessidade do homem que não possuía nenhuma habilidade em vender seu corpo e sua força de trabalho para sobreviver na nova sociedade. (SOARES *et al*, 1992, p. 34): “Os exercícios físicos, então, passaram a ser entendidos como „receita” e „remédio”. Julgava-se que, através deles, e sem mudar as condições materiais de vida a que estava sujeito o trabalhador daquela época, seria possível adquirir o corpo saudável, ágil e disciplinado exigido pela nova sociedade capitalista”.

Nesse contexto de nascimento de uma nova sociedade e de uma área que visa a regulação dos corpos, o exercício físico passa a ser uma necessidade concreta que devia ser respondida pela sociedade do século XIX tendo em vista que esse entendimento sobre os corpos dos trabalhadores era uma forma de aumentar o rendimento dos sujeitos e, conseqüentemente aumentar o lucro do burguês.

Sendo assim, práticas pedagógicas como a Educação Física foram pensadas e postas em ação, uma vez que correspondiam aos interesses da classe social hegemônica naquele período histórico, ou seja, a classe social que dirige política, intelectual e moralmente a nova sociedade. (SOARES *et al*, 1992, p. 35)

A partir desse surgimento, a Educação Física se torna uma ciência na era burguesa para reiterar o seu caráter legítimo perante a sociedade nova. Contudo, a Educação Física é ciência? Bracht (2000) coloca que para entender se Educação Física é ciência ou não devemos, primeiramente, entender o que é ciência. Fizemos esse entendimento sobre ciência ao longo do trabalho para refletirmos sobre o processo histórico da Educação Física.

Com o passar do tempo, a Educação Física vem enfrentando vários debates sobre o objeto de estudo. Se tratando da Educação Física escolar no Brasil, houve o movimento renovador da Educação Física de 1980 após o período ditatorial, um

movimento de trabalho de vários autores importantes para a área e que pensaram em uma Educação Física escolar com um olhar social e preocupada com a emancipação humana. Desse movimento surge várias obras e produção teóricas importantes para a Educação Física escolar que se desenvolveu em várias metodologias de ensino e com inspiração em teorias sociais de Marx (HUNGARO, 2010).

Ainda com Hungaro (2010), este fala que a partir dos anos de 1980 no Brasil, a Educação Física escolar tomou um lugar de autocrítica, de questionamentos com um intenso debate acadêmico acerca da identidade da área. Esse ano foi um divisor de águas em várias questões políticas, econômicas e sociais no Brasil, haja visto que o país tenha passado pelo período ditatorial militar e, então, a partir de 1980 o país começa seus processos de redemocratização e, com isso, vários questionamentos ocorrem em várias áreas.

É deste movimento que determinadas concepções e abordagens que se desenvolve a consideração de que a Educação Física escolar é uma prática social e uma prática pedagógica com ênfase na cultura corporal do movimento humano (SOARES et al, 1992). Mas que fique claro, a Educação Física sendo essa prática tão ampla e que se embasa nas outras ciências para se desenvolver também produz ciência, ou seja, a Educação Física não é ciência, mas é uma área que vive e promove pesquisa científica, como coloca Bracht (2000, p. 55): "O discurso científico acompanha e cria a Educação Física". (BRACHT, 2007) (GAYA, 1994)

A partir desse período começou, também, discussões e estudos sobre a educação de modo geral com a elaboração da nova fase da Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil, uma vez que os novos moldes deverão seguir o mesmo caminho que o sistema econômico do país, uma educação democrática que seja direito de todos os cidadãos e dever do estado. Juntamente com a LDBEN é pensado, também, em qual rumo a Educação Física na escola irá tomar.

Outro elemento a se considerar em futuros desdobramentos deste estudo é de considerar a regulamentação da área em 1998, quando surge o Conselho Federal de Educação Física com a Lei nº 9696/1998 e as implicações e impactos que tais definições tiveram na organização e reordenação do trabalho no âmbito da atuação profissional na Educação Física.

Os debates acadêmicos resultaram em grandes discussões dessa nova Educação Física escolar, que vem com a ideia de democratizar o acesso às práticas e que seja um acesso a todos os alunos, visando criar um novo formato de educação que focasse na

cultura corporal brasileira (com a capoeira, danças, brincadeiras e etc). E assim surge o Coletivo de Autores, um grupo de acadêmicos que abandona o foco da Educação Física escolar esportivizada e de alto rendimento e abre a área para discussões e críticas a fim de pensar e transformar constantemente a Educação Física na escola, uma vez que as práticas corporais e a cultura estão em constante mudança.

Então, para a pergunta sobre o que seja a Educação Física escolar, aqui considera-a como uma prática pedagógica e social que trata da cultura corporal de movimento, é uma manifestação historicamente e socialmente constituída, com seus objetivos e significados que ultrapassam o âmbito biológico e objetivo. Logo, a Educação Física não é ciência, mas é um produto científico que produz ciência e se alimenta das várias outras ciências para constituir seu campo profissional e de legitimação social.

No entanto, essa ciência e espaço educacional, campos que possuem viés ideológico político, devem concentrar seus estudos e trabalhos para propor melhorias sociais e coletivas em benefício dos sujeitos atuantes na comunidade escolar visando o melhor desenvolvimento humano possível nesse espaço.

Ou seja, a proposta e reflexão que se pretende deixar é de que num espaço que se busca o desenvolvimento de sujeitos deve haver a menor interferência possível de estudos e pensamentos positivistas, devemos pensar em uma Educação Física humana, que vai além do âmbito prático social, que não foca somente no desenvolvimento profissional, mas deve-se haver uma preocupação em que sujeitos estão sendo formados para além do mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERY, Maria Amália P. A. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro-RJ: Garamond, 2012.

ANTUNES, Ricardo. A dialética do trabalho In: ANTUNES. **Ricardo. O Caracol e sua Concha: Ensaio Sobre a Nova Morfologia do Trabalho**. São Paulo, 2005.

BRACHT, Valter. **Educação Física e ciência: Cenas de um casamento (in) feliz**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, v.22, p.53-63. Setembro 2000.

BRACHT, V. MAS, AFINAL, O QUE ESTAMOS PERGUNTANDO COM A PERGUNTA: O QUE É EDUCAÇÃO FÍSICA;. *Movimento*, [S. l.], v. 2, n. 2, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2188. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2188>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BRASIL. Lei n. 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Rio de Janeiro: Pargos, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio-1/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>. Acesso em: 21/03/2021.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Editora Ática. São Paulo. 2000.

CERQUEIRA, Aliana et al. **A trajetória da LDB: Um olhar crítico frente à realidade brasileira**. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/aliana_georgia_carvalho_cerqueira. Acesso em 21/03/2022.

GAYA, A. MAS AFINAL, O QUE É EDUCAÇÃO FÍSICA?. *Movimento*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 29–34, 1994. DOI: 10.22456/1982-8918.2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2012>. Acesso em: 10 abr. 2022.

HUNGARO, E. M. **Trabalho, tempo livre e emancipação humana: os determinantes ontológicos das políticas sociais de lazer**. 2008. 264 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2008.

HUNGARO, E. M. **A educação física e a tentativa de “deixar de mentir”**: o projeto de “intenção de ruptura” In: MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. 25. ed. Campinas: Papyrus, [1983] 2010. – p. 135-159.

LIMA, L. M. de – **A Ação Educativa dos Professores de Educação Física: Teoria e Prática**. Pensar a Prática 4: 46-66, Jul./Jun. 2000-2001.

LUKÁCS, György. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**.

Mimeo: 1969. Disponível em: <http://acervo.if.usp.br/index.php/as-bases-ontologicas-do-pensamento-e-da-atividade-do-homem>. Acesso em: 04/04/2022.

MARX, Karl Heirinch. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. 4. reimpressão (1. ed. em 2004). São Paulo: Boitempo, [1844] 2010.

MARX, Karl Heirinch. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, [1845-1846] 2007

MOREIRA, Antônio F.B.; SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo, cultura e sociedade**. São paulo: Cortez, 1995.

SÁNCHEZ-GAMBOA, Silvio. **As Diversas Formas do Conhecimento: Bases Históricas Filosóficas da Pesquisa em Educação**. Filosofia e Educação [RFE] – Volume 9, Número 3 – Campinas, SP. Outubro de 2017-Janeiro de 2018 – ISSN 1984-9605 – p. 120-148

SOARES, Carmem Lúcia et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Marcel Farias de. **Trabalho e Alienação-Estranhamento: Contribuições da Ontologia do Ser Social para o debate sobre o Corpo na Educação Física Brasileira**. Brasília, DF. 2020.

SOUZA JÚNIOR, M. et al. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011.